

A Teia Global: McLuhan e *Hipermídias*

Vinícius Andrade Pereira *

Marshall McLuhan, reconhecido como um dos primeiros estudiosos das mídias a propor a idéia de uma comunicação global, plenamente realizada hoje em dia com as formas de comunicação em rede, poderá estar sendo redescoberto, quando, citado em inúmeras notas de rodapés em publicações recentes, seus textos originais acabam, enfim, sendo retomados.

Poder-se-á reconhecer, então, que talvez a sua obra tenha sido posta de lado prematuramente, ou, quem sabe, precisasse aguardar o momento em que encontraria explicações e sentidos, tal como parece se dar agora, dentro do cenário cultural hodierno.

Uma das suas proposições mais conhecidas, a idéia de *Aldeia Global*, parece ser a metáfora mais famosa e precisa das formas de comunicação reticulares que se apresentam com os novos meios tele-informáticos contemporâneos. Embora amplamente difundida, a idéia de *Aldeia Global* foi pouquíssima explorada à luz dos desenvolvimentos teóricos mcluhanianos subsequentes. Compreendendo que McLuhan produz muito durante toda a sua vida acadêmica, o rebatimento contínuo das suas proposições sobre aquelas produzidas em diferentes momentos do seu percurso, pode permitir um maior esclarecimento das suas idéias, para além daquelas interpretações mais corriqueiras, por vezes, banais.

Assim, a proposta do presente texto é, partindo da idéia de *Aldeia Global*, retomar a discussão acerca das dinâmicas das informações em meios complexos como os computadores atuais, retomando, inclusive, a questão do *excesso de informações*, apontando como tal questão já comparecia como uma preocupação em McLuhan, diante da qual o pensador canadense irá propor uma série de explorações através das quais se pode melhor enfrentar o debate acerca das afetações subjetivas/cognitivas e comunicacionais em processo, desde o advento dos meios eletrônicos complexos.

O percurso que se delinea, demandará, ainda, uma reflexão acerca das características que os meios de comunicação de hoje apresentam, apostando que os aspectos mais notáveis dos referidos meios se constituem como uma evolução, uma apropriação parcial de meios anteriores, revelando uma linha contínua entre algumas das características mais marcantes das principais tecnologias da comunicação há muito presentes nas sociedades humanas.

A intenção será a de propiciar, com McLuhan, um quadro no qual se possa retomar a questão acerca de como se processam as dinâmicas semióticas dentro da contemporaneidade, uma vez entendido que tais dinâmicas são sempre dependentes das linguagens e das memórias disponibilizadas pelas culturas de cada época.

Refazer, portanto, os passos de McLuhan, afim de perseguir o tema das exigências cognitivas, subjetivas e comunicacionais que os novos meios impõem à contemporaneidade, quando grassa o modelo sociocultural esboçado com a idéia de *Aldeia Global*, é o objetivo do presente texto.

* O autor é Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ; Vinícius Andrade Pereira (Professor/Pesquisador da UERJ(PRODOC); Pesquisador Associado e um dos Coordenadores do CiberIdea, ECO/UFRJ; Pesquisador Associado do McLuhan Program in Culture and Technology, Universidade de Toronto.)

Aldeia Global ou A Teia Global

A idéia de *aldeia global*, como uma era de comunicação intensa que reuniria em trocas de mensagens instantâneas e contínuas toda a Terra, é proposta por McLuhan decorrente da sua compreensão de que a evolução das tecnologias comunicacionais impõe um aprimoramento da capacidade de produzir, acumular e de, principalmente, partilhar informações, especialmente após a entrada das mídias eletrônicas em cena, promovendo uma perturbação nas referências espaço-temporais, subjetivas e culturais.

Electric circuitry has overthrown the regime of "time" and "space" and pours upon us instantly and continuously the concerns of all other men. It has reconstituted dialogue on a global scale. Its message is Total Change, ending psychic, social, economic, and political parochialism. The old civic, state, and national groupings have become unworkable. Nothing can be further from the spirit of the new technology than "a place for everything and everything in its place." You can't **go** home again ¹ (Grifo no original)

O que se irá observar é que sob a idéia da *aldeia global* McLuhan estará indicando que um processo de trocas de informações cada vez mais rápido e intenso havia se iniciado e que levaria à perda ou, ao menos, a uma transformação profunda, das referências nas quais as culturas costumavam se orientar, envolvendo todos em torno de acontecimentos comuns, de forma única, tal como nas pequenas vilas, ou cidadezinhas, porém, com dimensões que abarcariam o mundo inteiro. *There are no remote places. Under instant circuitry, nothing is remote in time or in space. It's now. Right there.*²

Ao apostar na intensificação deste processo de trocas de informações de forma contínua, McLuhan antecipa a idéia de uma grande rede de comunicação, tal como se daria, hoje, com a *Internet*, entendendo que os computadores se destinariam a um uso para além das funções meramente contábeis, voltados para novas possibilidades de se obter e de se organizar as informações.

A computer as a research and communication instrument could enhance information retrieval, obsolesce mass library organization, retrieve the individual's encyclopedic function and flip into a private line to speedily tailored data of a saleable kind.³

A idéia da *aldeia global*, ou *a teia global*, como poder-se-ia traduzir, hoje, o novo modo de comunicação eletrônica ultra-rápida que envolve todo o planeta, apresenta, ainda, as preocupações de McLuhan acerca das alterações subjetivas em processo desde as ações dos novos meios.

¹ McLuhan, H.M. e Fiore, Q.; *The Medium is the message* ; p. 16

² *Entrevista concedida a CBC Television - 01/04/1965* - Transcrição de cópia em vídeo do acervo do *McLuhan Program in Culture and Technology, Universidade de Toronto, Canadá*

³ McLuhan, H.M., *Apud.* McLuhan, E. e Zingrone, F. *Essential McLuhan.* p.296.

What it means, literally, is that, transmitted at the speed of light, all events on this planet are simultaneous. In electric environments of information, all events are simultaneous. There is no time or space separating events.(...) The acoustic or simultaneous space in which we now live is like a sphere whose centre is everywhere and whose margins are nowhere...⁴

Isto o levará a uma reflexão cada vez mais aprofundada acerca de como as gerações nascidas sob a marca da eletricidade viriam a lidar com um enorme fluxo informacional que se reproduz de forma sem precedentes na história humana. Este questionamento pode ser entrevisto em McLuhan através da preocupação que esboça não só em relação à quantidade, mas, principalmente, pela maneira ultra-veloz, instantânea, com que novas informações recaem sobre os indivíduos, trazendo um problema de identidade para as pessoas e instituições.

Assim, revela que o novo estágio de comunicação da humanidade não traria apenas êxitos e facilidades, em um quadro otimista, ao contrário, a idéia da emergência de uma *aldeia global* traria a necessidade de uma reflexão acerca de uma nova forma de subjetividade, ainda em gestação, capaz de lidar com identidades movediças que pareciam estar se insinuando.

The global village is a world in which you don't necessarily have harmony;(...) We now share too much about each other to be strangers to each other (...) all the walls go out between age groups, between family groups, national groups, between economies. The walls all go out. People suddenly have to adjust themselves to this new proximity, this new interrelationship, and merely to tell them that this has happened isn't very helpful. What they need to know is if it is happening, what does it mean to me?⁵

McLuhan observa, pois, que um excesso de informações trazido pelos novos meios poderia tornar as pessoas e as instituições absolutamente cúmplices umas das outras, por um lado, mas, por outro, um efeito de confusão identitária generalizada poderia estar sendo produzido. Desta forma a questão acerca de uma crise de identidade estará amarrada diretamente à condição de comunicação global trazida com os novos meios. McLuhan irá retornar a esta mesma idéia em diferentes momentos, como se pode observar, por exemplo, nos excertos dos textos seguintes:

As people become more involved in each other, their private identities become vague and uncertain. The mass man is the electronic man who feels at one with all the rest...⁶

⁴ McLuhan, H.M. *et al.* *Marshall McLuhan: The man and his message* - Golden, 1989. pp.23-24

⁵ McLuhan, H.M. *in Mcluhan on McLuhanism* - *School Library Journal*, 13, n.º8, 1967, pp39-41. *Arquivos da Biblioteca Central da Universidade de Toronto, Canadá.*

⁶ McLuhan, H.M., *in The President who was not in touch with the present; manuscrito não publicado, 1974.*

Electronic man is no abstraction but rather the existing individual in a simultaneous culture. Having had his private individuality erased anonymously, he is paranoiac and much inclined to violence, for violence is a quest for identity, seeking to discover, ' Who am I? ' and ' What are my limits?'

I used to talk about global village, I now speak of it more properly as the global theatre. Every kid is now concerned with acting. Doing his thing outside, and raising a ruckus in a quest for identity. He has lost his identity...⁸

Como será possível lidar com a mudança permanente? Reflexão cara a toda a tradição filosófica ocidental e que McLuhan parece recuperar ao final dos seus trabalhos, acrescentando ao tema heraclítico da mudança permanente das coisas, o tema do *excesso*. Esta seria, pois, a questão que agora estaria em jogo: como é possível lidar com a demanda permanente por significações que se impõe, diante do excesso de informações que é despejado sobre cada um, a toda hora, todos os dias?⁹

Rede e hipermídia

A idéia da rede, qual uma *teia global*, representada particularmente pela *Internet*, pode ser considerada, como todo novo meio, uma nova linguagem.¹⁰ Conforme Logan, aliás, nasce como uma *sexta linguagem* em uma evolução que tem na fala, na escrita, na matemática, na ciência e na computação, seus passos anteriores.¹¹

Nasceria, dentro de uma visão mcluhaniana, marcada por uma identidade plural, típica da contemporaneidade pós-eletrônica: como resultado de aprimoramentos tecnológicos e já como efeito das inquietações do *homem eletrônico*.

A rede, para os objetivos do presente estudo, será focada como um meio capaz de reunir como seu conteúdo uma expressiva quantidade de outros meios, de forma simultânea: escrita, fotografia, pintura, rádio, TV, música, dentre outros. Neste sentido, a rede deve ser considerada um meio complexo, um *hipermeio*, ou um veículo *multimídia*, ou, ainda, uma *hipermídia*.

Arquivos do McLuhan Program in Culture and Technology; Universidade de Toronto. Canadá.

⁷ McLuhan, H.M.; in *Speech for a Conference on Management Information Systems, San Francisco, CA. 12/09/1971*. Manuscrito não publicado, p. 3. *Arquivos do McLuhan Program in Culture and Technology*; Universidade de Toronto. Canadá.

⁸ McLuhan, H.M.; Entrevista concedida à CTV, 18/05/1969. Transcrição de cópia em vídeo do acervo do *McLuhan Program in Culture and Technology*, Universidade de Toronto, Canadá

⁹ A questão do *excesso* tem sido tema de reflexão dentro dos trabalhos de Paulo Vaz, tendo sido, inclusive, debatida dentro do GT Comunicação e Sociedade Tecnológica, com o texto *Esperança e Excesso*, apresentado à IX COMPÓS; PUC/Porto Alegre; 2000.

¹⁰ Poder-se-ia considerar, inclusive, como uma nova forma de memória, uma vez que toda estrutura ou dispositivo capaz de apresentar uma forma própria de organizar e disponibilizar informações funcionará como uma memória. Assim, toda linguagem é uma memória, e toda memória representa alguma linguagem. Cf. Pereira, V.A., *Comunicação e Memória: Estendendo McLuhan*, tese de doutoramento em Comunicação e Cultura apresentada à ECO/UFRJ, 2002.

¹¹ Logan, R; *The Sixth Language - Learning a Living in the Internet Age*.

Assim, uma mensagem expressa em termos de um dispositivo *hipermídia* deve ser tomada como uma mensagem complexa que se apresenta com possibilidades de desdobramentos significantes em diferentes linguagens. Portanto, para efeitos dentro deste texto, não serão feitas rígidas distinções entre *rede* e um dispositivo tal qual um *hipertexto*, entendido como um texto eletrônico e *multimídia*, ou, simplesmente, entre rede e um computador pessoal, mesmo que não esteja propriamente conectado à rede, desde que capaz de gerar múltiplas e diferentes mensagens em diferentes mídias. Todos estes exemplos estarão sendo considerados como *hipermídias*. *Hipermídia* deve ser entendida, então, como um meio e uma linguagem que têm como característica possuir inúmeras outras linguagens simultâneas como conteúdo, sendo ainda, predominantemente, meios digitais.

David Bolter e Richard Grusin propõem — em um livro cujo subtítulo e boa parte do seu conteúdo remetem a McLuhan — a idéia de *hypermediacy*, com a qual irão apontar uma tendência das mídias contemporâneas de recorrerem a diferentes formas de mídias com o intuito de cada vez melhor reproduzir a realidade percebida.¹² Como exemplos tome-se a rede de TV *Bloomberg*, com a sua tela apresentando diferentes mídias, ou, ainda, diferentes *sites*, *home pages* e *games*, nos quais diferentes linguagens são apresentadas ao mesmo tempo tais como fotografia, vídeo, texto, ícones, números, áudio, dentre outras possibilidades.

A esta busca idealizada de uma reprodução perfeita da *realidade*, na qual os meios acabariam por desaparecer, deixando um usuário *em contato direto* com a *realidade representada*, os autores chamarão *immediacy*.

... the logic of immediacy dictates that the medium itself should disappear and leave us in the presence of the thing represented: sitting in the race car or standing on a mountaintop.¹³

As mídias de hoje realizariam, pois, o que chamam de *remediation*, a representação de mídias anteriores como forma de incrementar ou mesmo para constituir as suas próprias linguagens, em busca da *immediacy*, realizando para isto a *hypermediacy*. Para Bolter e Grusin a característica fundamental das mídias digitais contemporâneas seria, pois, a prática da *remediation*.

Again, we call the representation of one medium in another remediation, and we will argue that remediation is a defining characteristic of new digital media. What might seem at first to be an esoteric practice is so widespread that we can identify a spectrum off different ways in which digital media remediate their predecessors, a spectrum depending on the degree of perceived competition or rivalry between the new media and the old.¹⁴

¹² Bolter, J.D. e Grusin, R., *Remediation - Understanding New Media*.

¹³ Bolter, J.D. e Grusin, R.; *op. cit.* p.06

¹⁴ Bolter, J.D. e Grusin, R.; *ibid.*; p. 45

Os autores reconhecem que esta *lógica da remediação* já estaria presente em McLuhan, especialmente através da idéia proposta por este de que o conteúdo de um meio é sempre um outro meio.¹⁵

Ora, se a linguagem das hipermídias pode ser, então, considerada como uma linguagem que se caracteriza, fundamentalmente, pela manutenção de várias linguagens ao mesmo tempo, um aspecto novo estaria em jogo na maneira de se constituir as subjetividades e as possíveis formas de consciência. Pois, outrora, sempre que um novo meio/linguagem vinha à tona, apesar de contar com todo o conjunto de transformações cognitivas e subjetivas que os meios anteriores haviam proporcionado, este novo meio/linguagem se impunha como uma referência hegemônica, alterando o equilíbrio do sistema humano, promovendo um apagamento de linguagens anteriores, senão definitivo, em proporções significativas a ponto de se poder reconhecer uma nova dinâmica cognitiva e comunicacional em operação.

Foi assim que o homem pré-letrado, por exemplo, habitante de um espaço acústico, à medida em que adentrava o mundo das letras, foi se afastando de um modo multisensorial de comunicação, preso ao *corpo coletivo* da sua tribo, para que um modo quase que exclusivamente visual se impusesse como referência cognitiva hegemônica, especializando cada vez mais o olhar para refinadas formas de escrita, bem como para um conjunto de novas formas de perceber a si mesmo — como indivíduo — e a *realidade* como, por exemplo, com a *perspectiva* e as formas de análises geométricas descritivas.¹⁶

Hoje, contudo, a característica da nova linguagem hipermidiática não só permite, como exige a manutenção das linguagens anteriores afim de se constituir e se afirmar. As hipermídias, assim, precisariam das linguagens que lhe antecederam, como nunca antes na história da humanidade um novo meio/linguagem precisou. Isto pede que se olhe para a evolução das tecnologias comunicacionais com uma nova abordagem, tentando encontrar não apenas seus pontos de rupturas, mas, principalmente, suas linhas de continuidade.

Tratar-se-á de considerar a referida evolução, tal qual McLuhan, quando explorou diferentes meios inspirado nos estudos pioneiros de Innis, buscando entrever as *tendências* que as mídias diversas apresentaram e que puderam se manter ao longo dos tempos, sendo atualizadas, hoje, nas *hipermídias*. Tal estratégia poderá revelar aspectos bem próprios de um meio complexo, como são as *hipermídias*, possibilitando, assim, que se compreenda melhor como se revelam, também, as transformações subjetivas e culturais em processo de emergência, na era da *teia global*

Tendências das tecnologias de comunicação e hipermídia

A idéia de se buscar especificar tendências de uma tecnologia de comunicação é inspirada, como dito, diretamente em Innis, via McLuhan, quando aquele autor realiza uma série de estudos em torno de algumas características das civilizações da Mesopotâmia, correlacionando-as às formas de comunicação empregadas. Irá apontar, então, tendências ou inclinações que as tecnologias comunicacionais promoveriam. Como exemplo, pode-se pensar nas análises que Innis fez acerca das tendências que a escrita apresentava, que poderiam ser de estender a comunicação em um perspectiva temporal, quando expressa

¹⁵ *Ibid*; p. 45 e pp. 76-78

¹⁶ Ver, particularmente, em McLuhan, H.M.; *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*.

através de suportes rígidos como a pedra ou a madeira, e no espaço, quando registrada em suportes maleáveis como o papiro ou papel.¹⁷

Uma perspectiva evolutiva das tecnologias de comunicação, quando observada em um amplo espectro, indo das formas de comunicação oral, passando pelas primeiras formas de escrita rudimentares sumérias, com as talhas, as fichas toquem, as tábuas de argila, prosseguindo com o papiro, o pergaminho, o papel, até as formas de comunicação eletrônicas, do telégrafo aos computadores, permite que se entreveja rupturas entre as diferentes linguagens/meios que se sucederam, permite, ainda, que se reconheça tendências bem distintas em cada uma das linguagens observadas.¹⁸

A mesma perspectiva evolutiva, por outro lado, parece demonstrar que há uma orientação, um conjunto de características e tendências que não só se mantêm como um compromisso entre diferentes mídias, como se intensificam ao longo do processo evolutivo. Tais características e orientações contínuas, que parecem se aprimorar à medida em que as tecnologias evoluem, poderiam ser resumidas nas seguintes tendências:

- 1 - Tendência à promoção da redução da energia corporal investida no ato da comunicação; Princípio da economia energética na comunicação;
- 2 - Tendência à complexidade crescente quanto à capacidade de estocar informações; Princípio da excelência mnêmica
- 3 - Tendência à invisibilidade da tecnologia comunicacional; Princípio da excelência interfacial;
- 4 - Tendência para absorver e reatualizar a tecnologia comunicacional anterior; Princípio da hibridação midiática;
- 5 - Tendência ao aumento da independência quanto às determinações impostas pelas variáveis espacial e temporal para a comunicação; Princípio da relatividade espaço-temporal
- 6 - Tendência à multi-direcionalidade da comunicação;¹⁹

Hipermídias e transmnese

Se a linguagem das hipermídias, entendida como a linguagem da contemporaneidade, da teia global, por excelência, possui como características as tendências de tecnologias de comunicação anteriores, atualizadas, caberia refletir sobre as possíveis implicações dessa nova linguagem.

Considerando que as tendências ora expostas devam ser sempre contextualizadas histórica e socialmente quando se pretende apontar algum efeito mais específico sobre subjetividades e cultura, pode-se, contudo, arriscar que, genericamente, há uma evidência de aumento da complexidade das linguagens ao longo da evolução referida.

Observe-se, ainda, que considerando que a primeira tendência apresentada, a redução dos gastos energéticos corporais e mentais nos processos de comunicação, implica

¹⁷ Confere em Innis, H. *Bias of Communication*.

¹⁸ Para a evolução que o presente texto faz referência ver em Pereira, V.A., *Comunicação, memória, linguagem e tecnologia: uma exploração neuro-cultural das extensões do mutante humano*. Texto apresentado no *GT Comunicação e Sociedade Tecnológica*, no XI Encontro da COMPÓS, ECO/UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

¹⁹ Para uma análise detalhada das referidas tendências ver em Pereira, V.A., *Tendências das Tecnologias de Comunicação: da Escrita às Mídias Digitais*. Texto apresentado no Núcleo de Pesquisa *Tecnologias da Informação e da Comunicação*, XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM/UNEB, Salvador, 2002.

em um certo afastamento do corpo físico no processo comunicacional, isto pode —frente as tendências subseqüentes, todas comprometidas com um aumento da complexidade informacional —implicar, ainda, um certo desnorreamento, uma certa vertigem, uma vez que o corpo funciona, com todas as formas de memórias e percepções não conscientes, como um complexo sistema semiótico a modular de inúmeras maneiras todo o volume informacional que atinge uma dada pessoa, orientando-a através das sensações, significados e pensamentos gerados no próprio ato de processar as informações.

Torna-se urgente, assim, refletir acerca de como se dariam os processos de semiose na teia global. Lembre-se, pois, que a questão mcluhaniana indagava, exatamente, sobre este ponto: como lidar, como processar, como garantir significados frente a tantas informações instantâneas, que chegam o tempo todo, mediante oscilações identitárias das subjetividades, quer individuais, quer coletivas? Esta questão, como observado, se traduz no problema do excesso de informação que se apresenta na contemporaneidade.

McLuhan, em um dos seus muitos momentos de lucidez que acabaram por lhe emprestar uma certa aura profética, parece apontar para possíveis formas de lidar com o problema do excesso. Em primeiro lugar irá chamar a atenção para o fato de que não seria mais possível, imerso em um mar de informações, insistir em um modo de processamento de informação típica do ocidente, isto é, categorizando e classificando dados a partir do reconhecimento de identidades e da separação das informações contraditórias. Irá falar, então, do comparecimento de uma nova forma de ordem, de uma nova lógica, de uma nova forma de memória, em busca de atender às especificidades da comunicação instantânea e excessiva.

Our electrically configured world has forced us to move from the habit of data classification to the mode of pattern recognition. We can no longer build serially, block-by-block, step-by-step, because instant communication insures that all factors of the environment and of experience coexist in a state of active interplay.²⁰

Compreende e aposta, então, que dentro desta nova realidade, as hipermídias, representadas na figura do computador, deverão operar, com a sua linguagem peculiar, fazendo recurso a uma memória que seja capaz de promover arranjos criativos com as informações, ao invés de recuperá-las e rerepresentá-las uma a uma, pois, esta ação somente afirmaria o problema do excesso. Isto é entrevisto, exatamente, quando escreve acerca das possibilidades funcionais dos computadores como meios de comunicação.

The real job of the computer in the future is not going to have anything to do with retrieval. It' s going to have to do with pure discovery, because we use our memories for many purposes, mostly unconscious.... When you can recall things at a very high speed, they meaning that is quite alien to ordinary perception. So the computer... has, in spite of itself... revealed the knowledge of the mythic, pattern, structures, and

²⁰ McLuhan, M. e Fiore, Q., *The medium is the Massage*, p. 63

profiles, all of which are quite excitedly loaded with discovery.²¹

Ou seja, a saída que McLuhan parece indicar para se lidar com o excesso informacional, tempos de emergência contínua do *novo*, seria a apresentação de um tipo de linguagem, um tipo de memória, que se marcasse mais pela capacidade de rearranjar continuamente as informações, em uma dinâmica fluida e criativa, do que em uma estrutura estática, mero dispositivo de recuperação cega e automática de informações.²² A memória plausível para as hipermídias seria, pois, a *transmnese*, tal como se apresentou alhures.²³

A idéia de se ter uma memória fundamentalmente criativa como *linguagem* das hipermídias pode ser entendida como um modo de organizar as informações que não passe pela análise de todas as informações disponíveis, uma a uma, mas, por uma forma de sensibilização capaz de associar informações que apresentem fortes ressonâncias entre si, tal como ocorre com o funcionamento de toda e qualquer memória complexa.

A organização e apresentação das informações em uma perspectiva não classificatória, *stricto sensu* —característica da *transmnese* passível de se manifestar em todo e qualquer sistema semiótico complexo, não importando tratar-se de um cérebro humano, um computador, ou uma sociedade —deve ser pensada através das possibilidades da criação de dispositivos que marquem feixes informacionais por afinidades, proximidades, nexos afetivos, não lógicos, enfim, toda possibilidade de ligar um grupamento de informações a outros em uma forma de *lógica* não aristotélica, isto é, que não precise estar sob o rígido princípio da não-contradição e que não tenha a obrigatoriedade de ter que se levar em conta todo o conjunto de informações disponíveis, passando-o em revista. Tal lógica, pois, não se propõe como um modelo de lógica universal, mas, como uma *lógica* singular, específica de um sistema semiótico único.

A manifestação da *transmnese*, ou desta forma de *lógica singular*, em uma hipermídia, pode ser entrevista através de dispositivos que funcionam com a capacidade de selecionar mensagens que são agrupadas através de referências absolutamente restritas ao próprio sistema hipermidiático. Assim, ícones, pastas personalizadas, arquivos classificados como *favoritos*, imagens, dentre outras referências, podem funcionar como signos que indicam para um dado usuário como correlacionar mensagens diferentes em percursos os mais variados que o mesmo realize ao se comunicar na rede.

Tal idéia é entendida como a capacidade que um usuário tem de, através de recursos multimidiáticos, ir constituindo o seu próprio conjunto de referências personalizadas a partir das quais as informações estarão se associando de uma forma única que permitirá que o usuário em questão as acesse por meios rápidos e eficientes, e de modo original.

²¹ McLuhan, H.M., *Apud*. McLuhan, E. e Zingrone, F. *op. cit.* p.295

²² Pode-se conjecturar que foi ligada a tal temática surgiu, em 1945, publicada na revista *The Atlantic Monthly*, o artigo de Vannevar Bush, *As we may think*, onde chamava a atenção para a necessidade de uma máquina de informação *cruzada* que pudesse dar conta da enxurrada de informações que a humanidade produzia, permitindo um modo de consulta veloz e flexível, por associação e não por separações rígidas e confinadas —como se davam a maioria dos processos de memorização eletrônica até então —tendo como modelo a mente humana no seu processo mnêmico. Com isto, este cientista é reconhecido como o idealizador do *Memex* — *MEMory indEX*, uma espécie de protótipo do hipertexto atual. Cf. em <http://www.csi.uottawa.ca/~dduchier/misc/vbush/intro.html>. Valeria apenas investigar como McLuhan nunca teria tido contato com o texto de Bush, ou se teve, por quê nunca teria feito qualquer menção ao mesmo.

²³ Para a idéia da *transmnese* ver Pereira, V.A. *Comunicação e Memória: Estendendo McLuhan*.

Trata-se da prática que qualquer um pode realizar de montar *mapas de navegação na rede* através dos recursos multimidiáticos que as hipermídias permitem e assim, constituir uma forma de memória individual, mas, ao mesmo tempo, social, à medida em que se estará operando com elementos mínimos coletados na cultura —que vão desde os softwares utilizados até aquilo que pode estar sendo adotado como signo: letras, desenhos, ícones, símbolos, etc.

O processo em questão é visto com clareza quando um usuário pode personalizar o seu *desktop*, ou *área de trabalho*, através de ícones criados por ele mesmo, ou se não, ao menos arranjando-os de maneira própria, criando uma organização que se impõe sobre os elementos que lhe disponibilizam informações. Tais elementos, que são elementos mnêmicos, por excelência, são organizados, arranjados, assim, de uma forma única, dentro de uma gramática multimidiática repleta de inúmeras outras possibilidades.

Uma linguagem formal possui os signos e as normas que regulam tais signos previamente constituídos, arbitrariamente instituídos, exigindo que um usuário de tal linguagem se submeta à mesma. No caso da linguagem hipermidiática, os signos e as formas de articulá-los não só permitem como estimulam que o usuário constitua seus próprios conjuntos de signos, bem como a forma de associá-los e de relacioná-los. É isto que evidencia uma dimensão inventiva da linguagem, da memória e do meio hipermidiáticos.

No caso da memória hipermidiática, deve-se observar que a mesma é composta basicamente através da organização de imagens, de signos, de ícones, em uma disposição espacial, sobrepondo planos, janelas, constituindo espécies de câmaras visuais, repartições e *links*, enfim, elaborando uma verdadeira arquitetura imagético-mnêmica na tela, a serviço do usuário.

Esta prática pode ser vista como a retomada de práticas mnêmicas que —desde a Grécia Antiga, com o poeta *Simônides*, passando por toda uma tradição medieval, com Santo Agostinho, Alberto o *Magno* e São Tomás de Aquino, chega até a *Renascença* com o teatro de imagens *Giulio Camillo* — se propunham como um modo de criar e de organizar imagens em planos e espaços como se fossem duplicações de espaços tridimensionais concretos, simulacros de espaços nos quais não se adentra sem uma imersão plena de todo o corpo.

São Tomás de Aquino, a partir desta doutrina clássica da memória ligada aos lugares e às imagens propõe regras mnemônicas das quais, duas, particularmente, serão aqui citadas afim de se pensar melhor esta suposta relação entre memória, imagem e lugar como mnemotécnica, ontem e hoje.

Atente-se, pois, particularmente para a primeira e segunda regras mnemônicas propostas por São Tomás ao comentar o tratado *De memoria et reminiscencia* de Aristóteles:

1) É necessário encontrar *simulacros adequados das coisas que se deseja recordar e é necessário, segundo este método, inventar simulacros e imagens porque as intenções simples e espirituais facilmente se evulam da alma, a menos que estejam, por assim dizer, ligadas a qualquer símbolo corpóreo, porque o conhecimento humano é mais forte em relação aos 'sensibilia'; por esta razão, o poder mnemônico reside na parte sensitiva da alma;* 2) É necessário(...) dispor

*numa ordem calculada as coisas que se deseja recordar de modo a que, de um ponto recordado, se torne fácil a passagem ao ponto que lhe sucede.*²⁴

Tais práticas de elaboração da memória acabarão por estar suspensas durante o império hegemônico da linguagem escrita. Ou seja, desde que a escrita passa a ser uma linguagem que ganha um continente expressivo de pessoas, a arte da memória através da composição de imagens mentais deixa de ter valor, ou, ao menos, de ser praticada como algo comum. O comum será, então, realizar registros mnêmicos através da escrita.

Esta passagem de uma forma de memória imagética e organizada espacialmente para uma forma abstrata e representada pela escrita parece já ser efeito da própria prática da escrita que, eficiente, começa a se mostrar mais oportuna e adequada para o desenvolvimento de pensamentos cada vez mais abstratos como aqueles que seriam exigidos pelas ciências. A adoção de uma memória fundamentalmente estada na linguagem escrita, acabaria por chegar até os dias atuais. Sobre o tema escrevem Fentress e Wickhan:

A nossa noção de memória tem, (...), uma dimensão histórica... esta noção de memória descende, em larga medida, de Descartes, Leibnitz e dos empiristas do século XVII. A nova noção que começou a aparecer nessa altura refletia a necessidade sentida pela ciência de se libertar da concepção visual do conhecimento implícita no teatro da memória de Giulio Camillo. Como via para o conhecimento científico, tal concepção começou a parecer não só de uso incômodo como intrinsecamente ilusória. Foi surgindo uma crescente compreensão e uma crescente dependência do potencial de linguagem e de notação científica para efeitos de síntese e de abstração. E uma noção de memória textual como a parte da memória que é intrinsecamente objetiva e racional, em contraposição à memória sensorial e pessoal como a parte da memória intrinsecamente subjetiva e não racional foi o resultado deste processo em que a relação entre a linguagem e o mundo que ela descreve foi radicalmente repensada. Isso implica que não apenas a nossa noção de memória como categoria mental, como também a nossa própria experiência pessoal de memória foram influenciadas por esse reequacionamento.²⁵

Hoje, a proposição de uma linguagem hipermidiática, permite a recuperação de uma forma de memória sensorial, imagética e espacial, propiciadora de planos e superfícies que acabam por exigir a reentrada de outros sentidos nas suas dinâmicas.

É nesta perspectiva que se pode reafirmar a validade da argumentação mcluhaniana acerca da reinvenção de um *espaço acústico* para a comunicação contemporânea, na qual uma reintegração do corpo explorando dimensões multisensoriais torna-se necessária.

É importante lembrar que McLuhan, ao falar de *espaço acústico*, ao contrário do que possa parecer, ou seja, de uma aposta no sentido da audição em detrimento dos demais sentidos —como ocorrera com o privilégio da visão com a entrada da escrita em cena—, entende que esta forma de *espaço* convida todos os sentidos a participarem do ato comunicativo, uma vez que exige a presença física dos interlocutores.

²⁴ Le Goff, J., *Memória*, p32

²⁵ Fentress, J. e Wickham, C.; *Memória Social: Novas Perspectivas Sobre o Passado*. p. 30

Típica das sociedades orais, pré-letradas, esta forma de *espaço* estaria sendo reelaborada na contemporaneidade, desde a emergência das mídias eletrônicas, pois, se tais mídias, por um lado, permitem a liberação da energia corpórea e mental a ser investida no ato comunicativo (a primeira *tendência* das tecnologias da comunicação analisada), por outro, exigem o corpo como modulador das dinâmicas de exploração das interfaces hipermidiáticas através das quais são constituídas as memórias.

Observe-se que esta *recuperação do corpo* dentro do processo de comunicação em um *espaço acústico* não deve ser tomada como uma contradição da *tendência de redução energética corporal* no ato comunicativo, uma vez que esta tendência faz referência, principalmente, à liberação dos membros de uma sociedade oral de um grande *corpo coletivo, grupal*, que impunha modos de operação sem os quais a comunicação não se efetuava, limitando, assim, quaisquer práticas de investimentos individuais ou singulares. Lembre-se, a título de exemplificação, da poesia homérica e suas mnemotécnicas, tal como analisada por Platão, retomadas nos estudos realizados por Havelock.²⁶

Hipermídias e novo modelo de comunicação

As mídias digitais, à medida em que possibilitam a um usuário a composição da sua própria memória e, assim, a personalização do meio, recuperam um modo de comunicação no qual o próprio meio revela aspectos individuais e coletivos daquele que o utiliza. O indivíduo com todas as suas marcas singulares e coletivas compõe e recompõe, continuamente, a linguagem e a memória com as quais realiza seus processos semióticos, como processos de tradução, como processos analógicos ou metafóricos.

Curiosamente, McLuhan irá, nos seus últimos trabalhos, enfatizar que a característica maior do modo de produzir significados nos sistemas humanos dar-se-ia através da realização de *metáforas*, e que cada *meio* funcionaria, nada mais, nada menos, como modos de constituição de metáforas: *One fundamental discovery upon which this essay rests is that each of man' s artifacts is in fact a kind of word, a metaphor that translates experience from one form into another(...)*²⁷

McLuhan propõe, então, que se considere como *meio* toda forma de artefato, independente se de natureza concreta ou abstrata, isto é, não importando se trata-se de um rádio, computador, garfo, colher, ou se uma teoria científica, sistemas filosóficos ou estilo de pintura, afirmando que todos serão igualmente artefatos, igualmente humanos, sendo todos esses meios, verbais em suas estruturas, sendo, portanto, igualmente suscetíveis ao mesmo modelo de análise, isto é, podendo ser tomados como metáforas.

Insistindo em um modo de *consciência* que nasceria com as mídias eletrônicas marcada pelo *hemisfério direito* do cérebro — que até então era apontado como, fundamentalmente, não verbal, não analítico, com propensão à visão do todo, não seqüencial, mas, sincrônico²⁸ —McLuhan irá apostar em um modelo de uma *nova ciência*

²⁶ Cf. Havelock, E., *Preface to Plato*.

²⁷ McLuhan, H.M. e McLuhan, E.; *Laws of Media: The New Science*; p. 3

²⁸ É importante observar que McLuhan reproduz um entendimento datado, no qual o cérebro humano é compreendido, funcionalmente, dividido em dois hemisférios, no qual o esquerdo estaria ligado diretamente às formas de cognição ligadas a operações lógicas tais como recortar um objeto, analisá-lo, promover relações entre variáveis isoladas, um pensamento linear e sequencial, enquanto o hemisfério direito, relacionado a operações lógicas não formais, tais como a percepção do objeto contextualizado, um pensamento não-linear, simultâneo e sincrônico, etc. Estudos contemporâneos em neuro-anatomia sugerem que nada garante toda a gama de comportamentos distintos e específicos que, comumente, se atribuem a um ou outro hemisfério. A

que, da mesma forma, não seja redutora, trabalhando apenas com objetos recortados de seus contextos, mas, que seja capaz de considerar figura e fundo, o objeto e os diferentes sentidos que o percebem. Proporá, então, que as rígidas fronteiras entre *arte* e *ciência*, entre *coisas* e *idéias* e entre *física* e *metafísica* sejam suspensas.²⁹

Isto o levará a especular, também, acerca da gestação de um modelo de comunicação que pudesse estar marcado por uma compreensão não redutora, não excludente do fundo em relação à figura, não excludente da mensagem em relação ao contexto.

Indicando que este novo modelo de comunicação deva estar conectado com os resíduos da tradição de um modo de pensamento ligado ao hemisfério esquerdo, mas, que seja capaz, também, de superar esta mesma tradição, McLuhan parece antecipar as hipermídias....*the problem is to discover such a model that yet is congenial to our culture with its residuum of left-hemisphere tradition.*³⁰

McLuhan parece apostar nas hipermídias como linguagens/meios, pois, conforme visto, tais formas de mídias conseguem manter *tendências* promovidas por meios anteriores a elas, mas, ao mesmo tempo, ultrapassá-las através de uma linguagem própria, cujas características incluem múltiplos meios, simultaneidade e abertura ao contexto do usuário.³¹

Criticando um modo de se conceber a comunicação como um processo linear e sequencial, modo este retirado, na sua opinião, do modelo de comunicação de Shannon e Weaver, McLuhan irá insistir na urgência de um novo modelo para a comunicação que possa dar conta da mudança de *consciência* de uma matriz tipicamente relacionada ao hemisfério esquerdo, para uma outra, referendada no hemisfério direito. Observa, ainda, que este novo modelo de comunicação deverá levar em consideração que, em seus padrões fundamentais de funcionamento, as mídias eletrônicas seriam, também, relacionadas ao

idéia seria a de que o cérebro funciona como um sistema hiper-complexo, de forma conectada e holística, estimulando uma maior ou menor participação de ambos os hemisférios em diferentes ações, em função dos contextos que envolvem as múltiplas e distintas situações vividas. Cf. em Ornstein, R. *A mente oculta: entendendo o funcionamento dos hemisférios*. O equívoco no qual McLuhan incorre, contudo, não afeta em nada a sua acurada compreensão da natureza metafórica e analógica dos processos semióticos dos sistemas humanos, e as referências que faz aos hemisférios esquerdo e direito devem ser entendidas, como metáforas de modos de lógica enunciadas, respectivamente, *aristotélica*, com pretensões ao universal, e um modo de lógica singular, não classificatória, movediça, típica das estruturas míticas.

²⁹ McLuhan, M. e McLuhan, E. *op. cit.*, p. 3.

³⁰ McLuhan, M. e McLuhan, E., *ibid.* p. 91.

³¹ Neste ponto é interessante o estudo realizado por Simone Sá acerca das *listas de discussões na web* sobre o carnaval. Ver em Sá, S. *Comunidades virtuais e atividade ergódica*; Texto apresentado à XI COMPÓS, ao GT *Comunicação e Sociabilidade*; UFRJ, Rio de Janeiro, 2002. Analisando uma das *listas*, especificamente, Sá revela que a comunicação entre os membros do grupo em questão se regulava, claramente, pela capacidade de bem se expressar pela escrita, uma vez que um série de outras representações identitárias tais como, beleza física, saber sambar bem, tipo de roupa, etc, ficavam excluídas nesta modalidade de comunicação hipermidiática. Irá chamar esta forma de grupo de *comunidades cibertextuais*. No referido exemplo, o domínio da escrita, como uma tendência promovida por meios anteriores às *hipermídias* —como os livros e jornais, por exemplo —comparece como uma linguagem decisiva ainda, apesar do computador, como um novo meio, já ser capaz de promover outras tendências, outras linguagens possíveis como a fotografia, o vídeo, os ícones e desenhos, etc. Isto pode revelar como o processo de passagem de uma forma de comunicação a outra não se realiza sem que haja um jogo de alternâncias entre as *tendências* promovidas pelas linguagens midiáticas envolvidas no processo, e como um meio, tal como as hipermídias, é capaz de suportar bem tais dinâmicas. As hipermídias, assim, irão funcionar como um complexo *laboratório* no qual diferentes linguagens se embatem, formando um grande sistema que se auto-regula, determinando quando e em que medida uma linguagem começa a ceder espaço para uma outra.

hemisfério direito, não podendo, portanto, serem bem apreendidas através de um modelo comunicacional baseado em uma forma de lógica elementar, seqüencial, linear, não-complexa.

All Western ' scientific' models of communication are, like the Shannon-Weaver model, linear, logic, and sequential in accordance with the pattern of efficient causality. These are all in the figure-minus-ground mode of the left hemisphere, and in contrast do not relate to the effects of simultaneity and discontinuity and resonance that typify experience in an electronic culture. For use in the electric age, a right-hemisphere model for communication is necessary...³²

Assim, McLuhan indica que para lidar com as hipermídias, bem como para melhor apreender suas dinâmicas, um novo modelo de comunicação deve ser gestado, capaz de lidar com o excesso e a velocidade das informações, que enfatize os jogos semióticos moleculares, contextuais, fluidos, que transformam continuamente a própria linguagem com a qual se produz os sentidos das coisas.

Na busca do referido modelo de comunicação dever-se-á recuperar os estudos sobre a memória dentro das operações de comunicação e, particularmente, as formas de memória espaciais, não verbais, prática comum em diversos períodos da história da humanidade, atualizadas, hoje, nas hipermídias. Da mesma forma, dever-se-á levar em conta os estudos que conjecturam a plausibilidade da constituição de sintaxes marcadas por movimentos moleculares, singulares, fragmentados, tais como apontam as proposições mcluhanianas, bem como aqueles estudos que reinterpretem a semiótica de Peirce, ou aqueles que, referendados na filosofia da diferença, aspiram a uma proposição de *comunicação extra-código*.³³

Tais são algumas das muitas interessantes reflexões, passíveis de serem seguidas no rastro do *mestre de Toronto*, percurso aconselhável a todo aquele que pretende se embrenhar na *teia global*.

McLuhan deve, portanto, ser retomado, contribuindo, talvez, mais do que nunca, na reflexão em torno das (novas)mídias e na renovação do pensamento sobre a comunicação. É nisto que aposta este estudo.

Referências Bibliográficas

BOLTER, Jay D. e GRUSIN, R., *Remediation - Understanding New Media*. Cambridge: Mass.; London, England: The MIT, 1998.

FENTRESS, J. e WICKHAM, C. *Memória Social: Novas Perspectivas Sobre o Passado*. Lisboa: Editorial Teorema, 1994.

³² McLuhan, M. e McLuhan, E., *ibid.* pp 90-91.

³³ Sobre os estudos semióticos em questão ver NÖTH, W. *Panorama da Semiótica: De Platão A Peirce*; e, também, Vieira, J.de A., *Semiótica, Sistemas e Sinais*. Tese de Doutorado: Comunicação e Semiótica. PUC SP/1994; em relação à noção de *comunicação extracódigo*, ver RIBEIRO, F. *Comunicação extra-código*. Tese de Doutorado: ECO/UFRJ; Rio de Janeiro, 1996.

HAVELOCK, Eric A. *Preface to Plato*. Cambridge, Massachusetts; London: The Belknap Press, Harvard University, 1963.

INNIS, H. *Empire and Communications*. Toronto: Press Porcépic Ltda, 1986.

_____. *The Bias of Communication*. Toronto: University of Toronto Press, 1999.

LE GOFF, J. *Memória*. In: *Enciclopedia Einaudi*, Vol I. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984

LOGAN, Robert K. *The Sixth Language - Learning a Living in the Internet Age*. Toronto: Stoddart Publishing Co. Limited, 2000.

MCLUHAN, Eric e ZINGRONE, F. *Essential McLuhan*. Toronto: House of Anansi Press Lt, 1995.

MCLUHAN, H.M., *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*. Toronto: University of Toronto Press, 1962.

_____. *Understanding Media: The Extensions of Man*. New York: The New American Library, 1964.

_____. *Letters of McLuhan*; Editado por Molinaro, M., McLuhan, C. e Toyne, W. Toronto, 1987.

- MCLUHAN, H.M. : ARTIGOS NÃO PUBLICADOS

_____. *Through the vanishing point*, manuscrito, datado de 1.º de maio de 1961, Arquivos do *McLuhan Program in Culture and Technology*. Universidade de Toronto, Canadá.

_____. *McLuhan on McLuhanism - School Library Journal*, 13, n.º8, 1967. Arquivos da Biblioteca Central da Universidade de Toronto, Canadá.

_____. *Speech for a Conference on Management Information Systems*. San Francisco, CA. 12/09/1971. manuscrito. Arquivos do *McLuhan Program in Culture and Technology*. Universidade de Toronto, Canadá.

_____. *The President who was not in touch with the present*; manuscrito, 1974. Arquivos do *McLuhan Program in Culture and Technology*. Universidade de Toronto, Canadá.

_____. *et all. Marshall McLuhan: The man and his message*. Toronto: Golden, 1989.

_____. e Nevitt, B.; *Take Today: The Executive as Dropout*. New York: Harcourt Brace Jovanovitch, 1972.

- MCLUHAN H.M. e Colaboradores:

_____. e Fiore, Q. *The Medium is the Massage: An Inventory of Effects*. New York: Bantam Books, 1967.

_____. e Fiore, Q. *War and Peace in the Global Village*. New York: Bantam Books, 1968

_____. e McLuhan, E. *Laws Of Media: The New Science*. Toronto: University of Toronto Press, 1988.

_____. e Powers, B. *The Global Village*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1989.

NÖTH, W. *Panorama da Semiótica: De Platão A Peirce*. São Paulo: Annablume, 1995. — (Coleção E ; 3)

ORNSTEIN, R. *A Mente Oculta: Entendendo o Funcionamento dos Hemisférios*. São Paulo: Summus, 1998.

PEREIRA, Vinícius A. *Comunicação e Memória: Estendendo McLuhan*, tese de doutoramento em Comunicação e Cultura apresentada à ECO/UFRJ, 2002.

_____. *Comunicação, memória, linguagem e tecnologia: uma exploração neuro-cultural das extensões do mutante humano*. Texto apresentado no *GT Comunicação e Sociedade Tecnológica*, no XI Encontro da COMPÓS, ECO/UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

- _____. *Tendências das Tecnologias de Comunicação: da Escrita às Mídias Digitais*. Texto apresentado no Núcleo de Pesquisa *Tecnologias da Informação e da Comunicação*, XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM/UNEB, Salvador, 2002.
- RIBEIRO, F. *Comunicação extra-código*. Tese de Doutorado: ECO/UFRJ; Rio de Janeiro, 1996.
- SÁ, S., *Comunidades virtuais e atividade ergódica*; Texto apresentado à XI COMPÓS, ao GT *Comunicação e Sociabilidade*; UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.
- SANTAELLA, L. e NÖTH, W. *Imagem, Cognição, Semiótica, Mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- VAZ, P. *Esperança e Excesso*. In: *Book do GT Comunicação e Sociedade Tecnológica*. Texto apresentado à IX COMPÓS, no GT *Comunicação e Sociedade Tecnológica*; PUC/Porto Alegre; 2000.
- VIEIRA, J.de A., *Semiótica, Sistemas e Sinais*. Tese de Doutorado: Comunicação e Semiótica, PUC-SP/1994